

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA LICENCIATURA

BIANCA DA SILVA SCHUTZ

**A CATEGORIA LINGUAGEM NO PROCESSO DIDÁTICO PEDAGÓGICO NA
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

CRICIÚMA

2012

BIANCA DA SILVA SCHUTZ

**A CATEGORIA LINGUAGEM NO PROCESSO DIDÁTICO PEDAGÓGICO NA
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Licenciado no curso de Educação Física Licenciatura da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador(a): Prof. (a) Msc. Ana Lúcia Cardoso

CRICIÚMA

2012

BIANCA DA SILVA SCHUTZ

**A CATEGORIA LINGUAGEM NO PROCESSO DIDÁTICO PEDAGÓGICO NA
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de licenciado, no Curso de Educação Física Licenciatura da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação Física Escolar.

Criciúma, 06 de Julho de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ana Lúcia Cardoso - Mestre - (UNESC) - Orientador

Prof. Danielle Torri –Mestre - (UNESC)

Prof. Sirléia Silvano – Mestranda - (UNESC)

Dedico este trabalho a minha família, meu amor e meus colegas e mestres que com muito carinho me acompanharam durante esta caminhada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha família, que com muito amor e paciência entendeu meus momentos de cansaço e me confortou quando muitos medos eu sentia.

Em especial agradeço ao MEU PAI e MINHA MÃE, ambos com seus jeitos diferentes de longe ou de perto me deram apoio e força para chegar a meu objetivo.

Agradeço também ao MEU AMOR , que com calma me ajudou e me orientou nesta caminhada.

Não posso deixar aqui de agradecer aos meus colegas de luta, que apesar de não estarmos em uma guerra por muitas vezes nos sentíamos em uma, pelas barreiras vencidas, pelos caminhos que juntos galgamos até aqui. Percebo que vocês foram uma das peças chave para que eu estivesse aqui neste momento. Obrigada pelos momentos de conversa, apoio e fortalecimento que me ajudaram a não desistir e a fazer tudo com o máximo de empenho possível. E não posso deixar de agradecer a minha orientadora que com muito carinho, dedicação e experiência me orientou na construção deste estudo.

Continuo meus agradecimentos agora falando sobre meus mestres, que com a sabedoria e a excelência contribuíram para que eu na escolha desta profissão pudesse sentir qual a verdadeira importância do ser professor.

E por fim agradeço aos espíritos de Luz, que me guiaram pelo caminho e me encheram de sabedoria para seguir meu caminho.

**“Se é dizendo a palavra com que,
“pronunciando” o mundo, os homens o
transformam, o diálogo se impõe como
caminho pelo qual os homens ganham
significação enquanto homens.”**

Paulo Freire

RESUMO

A concepção crítico emancipatória possui como um de seus elementos fundamentais uma didática comunicativa, sendo uma das categorias centrais na construção de um sujeito emancipado. Este estudo nasceu da necessidade de compreender como se dá, a categoria linguagem no processo didático pedagógico em aulas de Educação Física, por meio da análise de seus princípios teóricos metodológicos. E teve como tema a categoria linguagem no processo didático pedagógico nas aulas de educação física. O problema deste estudo foi analisar qual foi a base didático pedagógica da categoria linguagem na concepção crítico emancipatória. Esta pesquisa teve caráter bibliográfico e aprofundou-se no estudo teórico dos conceitos de esclarecimento e emancipação, da tendência crítico emancipatória e abordou os autores que embasam os processos didáticos pedagógicos da categoria linguagem na tendência crítico emancipatória entre eles destacamos autores como Schaller e Schaffer e Paulo Freire. Com base neste estudo concluímos que a linguagem nas aulas de Educação Física de ser utilizada como forma de expressão, construção, e interação. Ela será a ferramenta para que aluno entenda as relações sociais e práticas para que possa agir de forma autônoma e racional em seu meio de vida social e o professor possui um papel fundamental para que isto aconteça, compreendendo os fenômenos sociais e proporcionando ao educando um ensino democrático e dialógico, mediando democraticamente os conhecimentos ao educando, proporcionando um ensino problematizador com vistas a sua emancipação.

Palavras chave: Didática comunicativa. Linguagem. Concepção Crítico-emancipatória. Competência Comunicativa.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 DIDÁTICA E PEDAGOGIA CRÍTICO EMANCIPATÓRIA	14
2.2 AS CATEGORIAS NA EFETIVAÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA	19
2.3 EMANCIPAÇÃO E ESCLARECIMENTO POR ELENOR KUNZ	21
3 O DIÁLOGO COMO FORMA DE EMANCIPAÇÃO DO SUJEITO	26
3.1 LINGUAGEM E DIÁLOGO: PRESSUPOSTOS DA PEDAGOGIA FREIRIANA ..	26
3.2 EDUCAÇÃO BANCÁRIA: CONSTRUINDO UMA EDUCAÇÃO LIBERTADORA	29
4 PEDAGOGIA DA COMUNICAÇÃO : PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DE UMA EDUCAÇÃO CRÍTICA COM BASE EM SCHALLER E SCHAFFER	34
4.1 ASPECTOS PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA PEDAGOGIA DA COMUNICAÇÃO SOCIAL, POR SCHALLER E SCHAFFER (1982).	34
4.2 PEDAGOGIA DA COMUNICAÇÃO.....	38
4.4 AS RELAÇÕES PEDAGÓGICAS NA PEDAGOGIA DA COMUNICAÇÃO DE SCHALLER E SCHAFFER (1982): REFLEXÕES INICIAIS	42
5 ELEMENTOS DE UMA DIDÁTICA COMUNICATIVA PARA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.....	45
6 CONCLUSÃO	47
REFERÊNCIAS.....	50

1 INTRODUÇÃO

O interesse em estudar a categoria linguagem se deu pois como futura professora que pretende utilizar uma tendência crítica de EF necessitei compreender os limites e as possibilidades de se entender quais são os elementos teóricos que constituem uma didática comunicativa, e como se dá este processo didático pedagógico.

Na realização do estágio supervisionado II que teve como base didático metodológica a concepção crítico emancipatória, percebi a importância de aprofundar o estudo da categoria linguagem que juntamente com a categoria interação e trabalho constituem o processo de ensino da concepção crítico emancipatória. Percebendo a reação dos alunos me sentia confusa em como mediar o processo de ensino, em que momento intervir em que momento calar, quando problematizar, e como encaminhar o resultado desta problematização, resolvi então aprofundar neste estudo visando buscar embasamento para responder aos questionamentos surgidos no decorrer do referido estágio.

A proposta pedagógica crítico emancipatória é uma das propostas pedagógicas da Educação Física. A mesma foi elaborada em meados dos anos 90 por Elenor Kunz, e apresenta a didática comunicativa como fundamento principal.

Elenor Kunz idealizador da proposta acredita que, a linguagem como forma de expressão é um elemento que deve ser utilizado pelos professores de Educação Física, pois os alunos quando se expressam pela linguagem estão demonstrando seus desejos, suas aspirações perante a sociedade.

Ela representa a interação entre os homens que compõem a sociedade e também é através do diálogo que o homem vai entender e transformar o mundo, representa o que o ser humano é no mundo.

Segundo Freire (2002, p. 78)

A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar.

Nesse sentido nos questionamos sobre como criar condições para que o ser humano possa a partir da linguagem atuar, intervir e transformar o mundo, sobre como o processo de educação formal, a partir das aulas de EF pode contribuir nesta tarefa.

O tema deste projeto foi: a categoria linguagem no processo didático pedagógico na Educação Física escolar, o **problema** foi qual a base didática pedagógica da categoria linguagem na concepção crítico emancipatória?

O **objetivo geral** da pesquisa foi analisar quais os princípios teóricos metodológicos da categoria linguagem na concepção crítico emancipatória, e os **objetivos específicos** foi conhecer como se dá o processo de emancipação do sujeito através da linguagem, compreender a relação professor aluno em aulas embasadas na concepção crítico emancipatória, averiguar como se dá a construção de uma aula de Educação Física construída a partir de uma didática comunicativa, compreender como se dá a categoria linguagem na concepção crítico emancipatória.

Para desenvolver este estudo optamos por uma pesquisa de cunho bibliográfico. Que segundo Cervo e Bervian (1996, p.48) consiste em:

A pesquisa bibliográfica procura explicar um problema a partir de referência teóricas baseada em documentos. Pode ser realizada independentemente ou como parte da pesquisa descritiva ou experimental. Em ambos os casos, busca conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado existentes sobre um denominado assunto, tema ou problema.

Um dos autores estudados nesta pesquisa foi Elenor Kunz. Sendo que em seu Livro Educação Física: Ensino e Mudanças que teve sua primeira edição publicada no ano de 1991, inicia discussão sobre a real situação da Educação Física e as aspirações de Kunz para uma tendência libertadora da Educação Física e também baseada na dialogicidade, o autor transcreve que:

[...] A educação libertadora, ao contrário da educação “bancária” – que, pelas suas relações monológicas, não liberta o homem da opressão e da dependência – deve possibilitar a emancipação humana pelo processo comunicativo. E isto só se é possível na concepção Freiriana, através de um processo de ensino “dialógico, crítico e problematizador” [...] (KUNZ, 2001, p.137)

Ainda sobre uma concepção dialógica para a educação física, Kunz (1994) utilizou idéias de Schaller e Schaffer (1982), autores alemães que escreveram em seu livro Ciência Educadora Crítica e Didática Comunicativa no ano

de (1982), algumas idéias que posteriormente também seriam utilizadas por Elenor Kunz para fundamentar sua proposta da emancipação humana através de aulas de educação física. O autor em seu livro *Transformação Didático Pedagógica do Esporte*, quando transcreve sobre os interesses críticos emancipatórios cita Shaller e Schaffer (1989 apud KUNZ, 2009, p.140) “Descontando algumas necessidades básicas como a fome, a sede, etc. As outras necessidades e os outros interesses são adquiridos comunicativamente e dependem da cultura na qual o indivíduo vive o que ele aprende”.

Optamos no estudo sobre estes autores, pois nos atemos a estudar acerca do caráter didático pedagógico da linguagem na concepção crítico emancipatória não abordando os aspectos de cunho mais filosófico desta categoria.

Neste estudo abordamos os autores que embasam do ponto de vista didático pedagógico a categoria da didática comunicativa tratada por Kunz para embasar a pedagogia crítico emancipatória. Foram estudadas algumas obras de Paulo Freire e Schaffer e Schaller, obras estas que foram utilizadas por Elenor Kunz como fundamentação teórica na criação desta proposta.

A fundamentação teórica desta pesquisa foi estruturada da seguinte maneira, no primeiro capítulo abordamos a concepção crítico emancipatória em seguida no segundo capítulo abordamos um breve conceito de esclarecimento e emancipação, em seguida no terceiro capítulo e dando continuidade no quarto e último capítulo discorreremos sobre a didática comunicativa na concepção crítico emancipatória.

2 DIDÁTICA E PEDAGOGIA CRÍTICO EMANCIPATÓRIA

2.1 PEDAGOGIA CRÍTICO EMANCIPATÓRIA

A pedagogia Crítico-Emancipatória esta relacionada a uma didática comunicativa, o instrumento utilizado para esta didática comunicativa é a linguagem, ela irá preparar o aluno para uma agir mais racional na sua participação na vida social, cultural e esportiva.

Para Kunz (1994, p.31)

O aluno enquanto sujeito do processo de ensino deve ser capacitado para sua participação na vida social, cultural e esportiva, o que significa não somente a aquisição de uma capacidade de ação funcional, mas a capacidade de conhecer, reconhecer problematizar sentidos e significados nesta vida, através da reflexão crítica.

A racionalidade e a emancipação devem ser criadas através de uma auto-reflexão, no contexto do esporte midiático, e da cultura corporal do movimento, conteúdos específicos da Educação Física.

Habermas, Marques (apud PIRES, 2002) afirma que:

[...]o esporte e os demais elementos da cultura corporal do movimento como integrantes da esfera designada como mundo vivido, sua configuração e reprodução social deveriam orientar-se pelos parâmetros da racionalidade comunicativa, isto é, situações ideais em que o diálogo livre de coerções entre sujeitos capazes de palavra e ação produziria consensos validados pela argumentação intersubjetiva.

A falta de emancipação que se percebe na sociedade, é resultado de uma coerção auto-imposta, esta coerção significa uma falsa consciência, no esporte de rendimento, por exemplo, todos querem seguir o modelo do auto rendimento mesmo percebendo que muitos indivíduos não serão “aptos a praticá-lo”. Os profissionais de Educação Física, em algumas vezes por não perceberem esta coerção auto-imposta acabam sendo um agente reforçador desta falta de consciência.

Pires (2002, p.122) afirma que:

A área de conhecimento e atuação profissional da Educação Física/Ciências do Esporte apropria-se de instrumentos conceituais e técnicos que, além de demarcar a compreensão do processo que resultou no travamento do seu potencial emancipatório, igualmente proporcione fundamentos que legitimem a implementação de intervenções pedagógicas superadoras em relação à mídia esportiva.

Ensinar o esporte na escola não deve ser somente baseado no ensino da técnica e no desenvolvimento de habilidades, mas também em um ensino mais transparente através de métodos teórico práticos.

Pires (2002), quanto analisa o papel do profissional de Educação Física ressalta que, o profissional de Educação Física tem o desafio de desenvolver competências para transformar o esporte e a cultura do movimento didaticamente, para recolocá-lo dentro do mundo-vivido, para que os alunos reconstruam as normas e adequação de acordo com sua realidade social, através da racionalidade comunicativa.

Na proposta crítico emancipatória na Educação Física esta linguagem não é somente a fala, como também a linguagem corporal, a linguagem do se-movimentar no diálogo com o mundo.

Para se compreender o esporte com liberdade e autonomia exige além da capacidade objetiva (saber praticar o esporte), desenvolver a capacidade social e comunicativa, deve-se compreender que os esportes além de serem praticados e problematizados.

O trabalho, a interação e a linguagem, é o que separa o ser humano dos outros animais, para alguns autores estas três categorias formam as estruturas universais, e devem ser ajustadas a análise e a crítica tanto do processo educacional como um todo, estas três categorias formam a mediação entre os alunos enquanto sujeito em desenvolvimento, o sujeito aprende e se desenvolve, mas também o mundo se transforma (KUNZ, 1999)

O ensino da Educação Física não pode ser somente prático, o esporte deve ser constantemente problematizado, o ensino não deve ser fechado, ou seja, não se concentrar no ensino somente das destrezas técnicas, mas também não pode ser um ensino aberto, só baseado no que os alunos querem, ele deve ser sim um ensino que se movimenta constantemente.

O ensino na concepção crítico emancipatória caminha pelas competências objetiva, social e comunicativa (KUNZ,1999) .

A constituição do processo de ensino pelas três categorias, trabalho, interação e linguagem, devem conduzir ao desenvolvimento da competência objetiva, social e comunicativa.

Na competência Objetiva, o aluno, precisa treinar destrezas e técnicas racionais e eficientes, precisa aprender certas estratégias para o agir prático de forma competente.

Pires (2002, p. 126):

A categoria do trabalho representa o desenvolvimento/aquisição há dos conhecimentos e habilidades mínimas relativas ao “saber” e “saber-fazer” específicos que caracterizam um determinado tema de ensino, necessários para um desempenho bem sucedido e agradável nas circunstâncias sociais concretas por ele proporcionadas.

Para Kunz (1999), na competência social, os alunos devem entender e adquirir esclarecimentos para poderem agir e entender as relações socioculturais do contexto em que vivem no esporte e na sociedade, o aluno deve entender esta questão de gênero, que esta auto-imposta, por exemplo meninos separados das meninas, o professor deve atuar em uma aula co-educativa para que os alunos percebam e reflitam sobre este tipo de diferença e outras diferenças sociais.

Contribuindo para um agir solidário e cooperativo, levando a compreensão dos diferentes papéis sociais existentes no esporte e encaminhá-los.

Pires (2002, p. 127) sobre a competência social :

Decorrendo da categoria da interação, esta tem diz respeito à reflexão e ao entendimento sobre a constituição das normas das relações socioculturais, bem como o reconhecimento e respeito às diferenças, o desvelamento e exploração das contradições e a identificação e combate às discriminações, aspectos que devem ser tematizados no plano educacional crítico, como aprendizagem a ser buscada para o agir social solidário participativo e cooperativo, típicos da cidadania emancipada.

A competência comunicativa deve trazer aos alunos meios para ser um individuo que não se expresse somente com a linguagem corporal nas aulas de Educação física, repetindo movimentos e executando técnicas, mas o aluno deve ser também um individuo que se expressa através da linguagem, participando de

discussões, problematizações e críticas sobre o esporte e sobre seu contexto histórico e social, criando uma visão de esporte de acordo com sua realidade social e cultural, agindo assim de forma racional, desenvolvendo sua emancipação. (KUNZ 1991).

Pires (2002, p.127, 128) sobre a competência comunicativa:

Sua função é de integração, tanto dos conhecimentos e habilidades exigidas para a aquisição da competência objetiva ou técnica quanto da compreensão dos fatores sociais que conformam a realidade e a perspectiva de sua transformação, características do aprendizado da competência social.

Para Kunz (1994), o desenvolvimento da competência comunicativa deve trazer ao aluno, a capacidade de uma leitura crítica do esporte.

A forma de saber que leva à emancipação é, portanto, um saber crítico que tem origem no mundo vivido dos sujeitos passando pelo desenvolvimento de um saber elaborado pelo processo interativo e comunicativo num contexto livre de coerção ou suas falsas consciências.

Percebe-se assim que a prática do esporte na escola ainda esta muito baseada no princípio do rendimento, aulas alternativas que trabalhem nas concepções biológico-funcionais e formativo-recreativas estão muito diminuídas, e o que influência decisivamente nesta diminuição são os veículos de comunicação, a mídia que sempre esta preocupada em mostrar o valor do esporte somente no principio do rendimento.

Kunz (2009,p. 120.) ressalta que:

Enquanto o ensino da educação física se ocupar em oferecer aos alunos apenas as conseqüências práticas das concepções anteriores, sem conseguir sensibilizá-los reflexivamente para as situações e condições do esporte que aprenderam a gostar ou do exercício que aprenderam a automatizar, e ao mesmo tempo, sensibilizá-los para um esporte que nas condições e situações poderiam realizar não é possível superar a sua concepção hegemônica.

A concepção crítico emancipatória pode trazer um ensino de libertação destes interesses, ilusões e desejos auto-impostos. Este modelo que é regido pelo consumo e pelo egoísmo. Para superar esta coerção devemos, desenvolver no jovem esta auto-reflexão, o aluno deve ter um conhecimento crítico para compreender a estrutura autoritária do processo auto-imposto pela sociedade.

Kunz(2009) aborda a idéia de que a educação crítica deve ter a tarefa de proporcionar e desenvolver condições para que os alunos percebam que as estruturas autoritárias da sociedade provocam uma “ comunicação distorcida” e que os alunos podem suspender esta comunicação e encaminhar-se para sua emancipação e que pelo uso da linguagem podem realizar uma agir comunicativo expressando entendimentos do mundo social, subjetivo e objetivo, para que todos os sujeitos possam participar da decisão das mais variadas instancias da sociedade, formulando interesses e preferências agindo de acordo com o grupo sentindo-se inserido na sociedade e produzindo cultura e apropriando-se da mesma.

O autor ainda transcreve que depois de perceber a situação de ensino e de conhecer as condições de possibilidade para uma educação emancipatória podemos conhecer como será a prática pedagógica de um professor com uma atuação crítico emancipatória em aulas de Educação Física.

Kunz(2009) delimita as estratégias pedagogias, de uma concepção crítico emancipatória de transcendência de limites, estratégias estas em que os alunos são confrontados com sua realidade e seu conteúdo a partir de alguns aspectos.

A “primeira” forma de transcender limites é chamada por Kunz (2009) de forma direta de transcender limites, que segundo o autor consiste em explorar e entender sua realidade pelo simples experimentar da situação do movimento e do jogo, percebendo assim suas possibilidade individuais e pessoais, e ainda vivenciar possibilidades comunicativas novas.

A “segunda”forma de transcender limites é tratada por Kunz(2009), da forma aprendida, ou seja, pela imagem , pela apresentação verbal do movimento ou de uma situação de jogo, o aluno irá acompanhar, executar e propor soluções.

A “terceira” forma de transcender limites e explicitada por Kunz(2009), como forma criativa e inventiva, o alunos a partir das outras formas se tornará capaz de, a partir de uma definida situação, criar, inventar jogos ou movimentos relacionados aquela situação.

Kunz (2009, p.124) nos explica que estas formas de transcender limites irão proporcionar aos alunos:

Que os alunos descubram pela própria experiência manipulativa, as formas e os meios para uma participação bem-sucedida em atividades de movimentos e jogos; que os alunos sejam capazes de manifestar pela linguagem ou pela representação cênica, o que experimentaram e o que aprenderam numa forma de exposição que todos possam entender; por último, que os alunos aprendam a perguntar e questionar suas aprendizagens e descobertas, com a finalidade de entender o significado cultural dessa aprendizagem, seu valor prático e descobrir também, o que ainda não sabe ou aprenderam.

2.2 AS CATEGORIAS NA EFETIVAÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Segundo Schaller e Schaffer(1982, apud KUNZ,1991,p.140) “descontando algumas necessidades básicas como a fome, a sede, etc., as outras necessidades e outros interesses são adquiridos comunicativamente e dependem da cultura na qual o individuo vive e que ele aprende”.

Sendo assim Kunz (1994), realizando uma aplicação prática em suas aulas faz apanhado geral sobre as situações de ensino e sobre a emancipação através das categorias, trabalho, interação e linguagem.

Sobre a categoria trabalho Kunz (1994), descreve que os alunos por esta categoria participam em dois momentos da aula, o primeiro momento foi desenvolvido pela experimentação individual e coletiva, ou seja, o professor através da aplicação de situações problema e de disponibilizar arranjo materiais ao alunos os mesmo irão vivenciar suas próprias experiências sem a utilização de uma técnica específica. Nesta fase os alunos e os professores irão descobrir os limites e suas experiências de mundo vivido para que futuramente sejam aplicadas em sua situações de ensino, o grupo deve conhecer sua cultura e a cultura individual ou o que pertence ou não ao seu mundo. Estas situações de ensino devem proporcionar aos alunos desafios e estímulos.

Kunz (1994), realizando um debate ainda sobre a categoria trabalho nos trouxe outro aspecto sobre a aprendizagem nesta categoria, o autor traz também a importância da aprendizagem dos aspectos técnicos nesta categoria. O autor exemplifica que as tarefas ou atividades coletivas precisam de algum treino para serem melhor realizadas e trazer mais prazer em sua realização e também trazer mais subsídios para a solução de problemas.

Dando continuidade Kunz (1994) nos traz também, quanto a categoria interação, os alunos em todas as situações não desenvolvem e não descobrem suas experiências sozinhos, e que mesmo na fase da experimentação é importante que os alunos vivenciem e trabalhem juntos, pois assim podem se auxiliar mutuamente contribuindo para que medos, insegurança e barreiras sejam superados juntos. Para o autor, é importante que nesta categoria que as experiências de movimento, as soluções de problemas sejam demonstradas, pois sobre cada encenação pode-se criar novas encenações e soluções.

Sobre a categoria linguagem Kunz (1994), afirma que a importância da competência comunicativa do aluno, no uso de sua linguagem verbal e de movimentos, embora neste processo o professor tenha uma participação destacada na apresentação na condução da aula, o professor deve utilizar seu poder de esclarecimento.

Kunz (1994 p.143) traz uma relação sobre como se dá a linguagem verbal em aulas de Educação Física.

Portanto, resgatar e preservar a competência comunicativa dos alunos, especialmente a que se expressa pela forma verbal, talvez seja uma das tarefas mais difíceis para uma aula de Educação Física. Pode parecer estranho dizer isso, pois basta lembrar a gritaria e a agitação de uma aula de Educação Física em relação a outra aula, para se concluir que há muito mais comunicação coletiva numa aula de Educação Física que em outra aula qualquer.

Percebendo quais são os tipos de linguagem que temos nas aulas de Educação Física, Kunz (1994), cita a linguagem corporal, e verbal, porém o autor traz a pergunta que tipo de competência comunicativa devemos desenvolver para trabalharmos a concepção crítico-emancipatória. Percebe-se que quando citamos a linguagem corporal através da comunicação corporal o fator que fica em evidência é a vitória e a superação dos adversários. E na comunicação verbal, por intermédio dos gritos, pensamos em uma aula que seja voltada para a sua missão, obediência sem o esclarecimento.

Pensando neste lado, o autor ressalta que há uma ausência da competência comunicativa no contexto escolar. Por mais que as aulas estejam “barulhentas” há um verdadeiro “silêncio intelectual”, no sentido do uso racional da

comunicação. O autor aborda que a competência comunicativa é a que está mais ausente na efetivação da prática pedagógica.

Pois segundo o autor, será através desta racionalidade que o aluno irá caminhar para sua humanização, e a competência comunicativa como ponto fundamental, deve ser então, ensinada e exercitada em sua aula, e apesar de ser muito difícil ensiná-la nas aulas, ela é imprescindível para desenvolver nos alunos um pensar crítico.

O papel do professor para desenvolver a competência comunicativa deve sempre questionar os alunos, fazer com que os alunos falem sobre suas experiências, o professor deve sempre segundo o autor, desafiar os alunos ao diálogo, e deve sempre esperar respostas, os professores devem instigar nos alunos a pesquisa e fazer com que estas pesquisas também sejam realizadas através do diálogo. O professor deve conduzir o diálogo, nas situações de ensino, e com isso criar no educando a necessidade dos alunos falarem sobre suas experiências objetivas e subjetivas, só assim o aluno adquire uma competência comunicativa.

Kunz (1994, p.144), “ para entender uma comunicação entre pessoas com o objetivo de aprender a se entender melhor e a entender melhor o outro na situação do diálogo”.

Continuando, o autor traz que na fase “transcendência de limites pela experimentação”, deve haver uma forma de comunicação individual e subjetiva. Pois através dos arranjos materiais e das situações propostas o educando deverá buscar a comunicação consigo mesmo. Porém, essa comunicação deve passar pelo grupo e pelo professor, para que não se torne uma comunicação comparativa, e fruste o educando, mas sim uma comunicação esclarecedora de seus limites e suas possibilidades, este processo inicia o autoconhecimento e motiva o indivíduo para a superação de eventuais dificuldades e fraquezas.

2.3 EMANCIPAÇÃO E ESCLARECIMENTO POR ELENOR KUNZ

Elenor Kunz (1999), idealizador da proposta crítico emancipatória em seus estudos sobre a emancipação do sujeito nas aulas de Educação Física, procurou entender qual o sentido da palavra emancipação e esclarecimento para fundamentar sua proposta. Em um primeiro momento ele traz o termo

esclarecimento baseado no termo alemão “Aufklärung”, no entanto Kunz (1999), esclarece que apesar deste termo não estar ligado às idéias de esclarecimento do iluminismo sua pesquisa irá se basear em idéias do mesmo, pois foram os iluministas que iniciaram a discussão sobre o tema esclarecimento.

Para Rouanet (apud KUNZ,1999, p. 35) “ pelo exercício da razão esclarecida e crítica, emancipar o homem das amarras da superstição e tirania.”

Kunz (1999) utilizou-se de idéias de filósofos alemães para provocar uma discussão de como se daria o esclarecimento como ferramenta da emancipação.

O autor transcreve que as idéias de esclarecimento e emancipação estão ligadas ao movimento iluminista que se iniciou no fim do séc. 17 na Europa. Kunz(1999) transcreveu que para Kant (1989) o conceito de esclarecimento é o processo em que o homem sai de sua menoridade, e que segundo o filósofo Kant (apud KUNZ 1999) é a incapacidade de entender o mundo sem a direção de alguém, ou seja, esclarecer significa se emancipar intelectualmente e tem por conseqüência a superação da ignorância e a preguiça de pensar por conta própria.

Kant (apud PIRES, 2002, p.134):

O iluminismo é a saída do homem da sua menoridade de que ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de se servir do entendimento sem a orientação de outrem. Tal menoridade é por culpa própria se a sua causa não reside na falta de entendimento, mas na falta de decisão e de coragem em se servir de si mesmo sem a orientação de outrem. *Sapere aude!* Tem a coragem em te servirem do teu próprio entendimento! Eis a palavra de ordem do Iluminismo.

Kunz (1999) traz as idéias de Adorno e Horkeimer filósofos alemães, que conceituam o esclarecimento como um “desencantamento do mundo”.

Que Kunz (1991) resume como:

O processo histórico na qual os homens na busca de superação dos problemas relacionados ao mito e ao processo de superstição se libertam por um processo de racionalização cujo veículo condutor passa a ser as ciências e a própria filosofia.

Horkeimer e Adorno (apud KUNZ, 1999) ressaltam que foi o movimento iluminista que iniciou a discussão sobre o esclarecimento e a superação do mito e da superstição, os autores trazem a idéia de que o desencantamento do mundo deve fazer com que os homens evoluam do conhecimento somente centrado nas ciências

da natureza. Baseado nas idéias dos filósofos alemães, Kunz (1999), descreve que quando os homens tem suas objetivos de esclarecimento somente centrado nas ciências positivas eles estarão destruindo o mundo, ou seja, pelas ciências positivas ou seja que podem ser comprovadas, aferidas e averiguadas, o homem moderno conseguiu u ao invés do domínio da natureza, o domínio do próprio homem, dando continuidade

Os autores alemães concluíram, segundo Kunz (1999) que este esclarecimento eliminou o último resto de autoconsciência que cada homem possui, e que por esta razão esclarecida que os homens tanto buscaram a única coisa que conseguiram foi a alienação e a submissão. Segundo Adorno e Horkeiner (apud Kunz 1999) esclarecem que os homens por esta razão esclarecida, onde os mesmos não são aquilo que devem ser de acordo com as suas possibilidades e razões, eles são alienados pelas suas possibilidades e existência.

Para Kunz (1999 p. 36):

O homem passa a ser cada vez mais um objeto à disposição do conhecimento científico super-especializado, da mídia e da propaganda, da educação e de todas as instituições que colaboram na formação de interesses e desejos que o mesmo deve assumir.

Ou seja, esta visão de esclarecimento fez com que os homens perdessem sua autoconsciência, e desencantar o mundo passou a destruir o mundo.

Kunz (1999) realiza vários questionamentos acerca de que tipo de esclarecimento devemos fazer, como devemos fazê-lo em uma sociedade como a nossa que apesar de não ser de primeiro mundo, possui os meios para estar informada?

Portanto os homens nunca estiveram tão esclarecidos. O autor ressalta que há vários tipos de esclarecimentos, e que a própria ciência parece ter alcançado o ápice do esclarecimento, os homens superaram todos os tipos de tabus, a sexualidade, o livre arbítrio, e temas que eram totalmente intocáveis como o corpo a vida e o espírito.

Porém apesar de todos estes esclarecimentos acerca dos mais variados assuntos e tabus da ciência e da religião, os homens não se tornaram livres e as barbáries do mundo diminuíram. Entrando no patamar da educação o autor sugere

que o esclarecimento organizado, é o único poder que temos como educadores, entretanto ele também pode servir como um instrumento de impotência, pois os agentes e meios do esclarecimento impedem que este esclarecimento aconteça.

Kunz (1999) cita o conhecimento científico como um primeiro agente para o não haver esclarecimento:

O conhecimento científico utiliza-se do saber comprovado e despreza qualquer sabedoria tradicional, intuitiva e poética. Através deste preconiza-se o conhecimento correto deve resultar em um agir correto e para se alcançar, este conhecimento correto, é preciso que se utilize de meios e métodos cientificamente válidos e reconhecidos, ou seja, o conhecimento científico deve passar pela prova experimental, pelo uso de métodos reconhecidos como tal. (KUNZ, 1999, p.37)

Ou seja, o conhecimento científico, contribui para uma atitude anti-esclarecedora, pois coloca a responsabilidade em cima de dados comprovados e estatísticos e teste experimentais o esclarecimento do indivíduo.

O autor traz, outros agentes que contribuem para que o esclarecimento não aconteça, é o pensamento analítico-casual, que está ligado ao conhecimento científico. A escola possibilita ao educando somente conhecimento mecânicos e prontos e não possibilita ao aluno realizar analogias e interpretação de símbolos não oferecendo oportunidade para que os alunos confrontem estes conhecimentos. Desta forma o aluno não desenvolve uma consciência crítica e sim a preguiça de pensar por conta própria.

Outro agente reforçador, para o anti-esclarecimento para Kunz(1999) é a redução da complexidade, ou seja, quando o homem quando desencanta o mundo, ele percebe a teia de relações em que estão envolvidos e a extrema complexidade destas relações, o educador utilizando esta redução de complexidade, ou seja, fragmenta o conhecimento utilizando de modelos metodológicos.

Este tipo de conhecimento segundo Kunz (1999), tem como consequência um conhecimento mais exato, sobre todos os aspectos de sua existência.

Enfim, Kunz (1999), traz em seus estudos vários tipos de esclarecimentos com as mais determinadas visões e conclusões sendo estes esclarecimentos positivos ou negativos para a criação de um conhecimento crítico, e conclui que “ a escola deve ser aquela instância em que os Esclarecimentos de Mundo possam ser esclarecidos.” (KUNZ, 1999, p.38) “A possibilidade do esclarecimento crítico, só poderá ser alcançada através da reflexão e da metacomunicação ”.

Que segundo Schaller e Schaffer (1982) na metacomunicação, o professor e os alunos refletem juntos, criticamente, no nível de seu conhecimento.

Para Demo (apud KUNZ 1999), o caminho para chegar à emancipação humana:

Saber pensar e aprender a aprender, ou seja, quando se é capaz de sair da mera cópia ou incorporação de informações para construir conhecimentos. Pela reflexão comunicativa e crítica transcende-se os limites das informações como forma de esclarecimento ou, do conhecimento científico como verdades evidentes e inquestionáveis e somente desta forma de esclarecimentos se pode intencionar a emancipação humana e social, significando a superação das dependências e da minoridade.(p. 38).

Santos (apud KUNZ 1999, p.134) constrói uma reflexão sobre esclarecimento e emancipação nas aulas de Educação Física e ressalta que:

O Processo de esclarecimento entendo aqui, como, acima de tudo, um questionamento das verdades fundadas nas ciências, dá-se através da reflexão crítica, da ação comunicativa e da re-elaboração dos conhecimentos para além das informações. Esse processo torna-se essencial para a constituição de sujeitos emancipados

Analisando estes conceitos de emancipação e esclarecimento, Kunz(1999) analisou e resgatou aspectos da Educação Física escolar que contribuíam para o anti-esclarecimento do indivíduo, e desenvolveu a concepção crítico emancipatória, concepção esta que utiliza a reflexão sobre a prática e vice-versa, como ferramenta para a emancipação do indivíduo.

3 O DIÁLOGO COMO FORMA DE EMANCIPAÇÃO DO SUJEITO

3.1 LINGUAGEM E DIÁLOGO: PRESSUPOSTOS DA PEDAGOGIA FREIRIANA

Ao analisar os elementos que constituem o diálogo percebemos que ele não acontece sem a utilização da palavra. Palavra, essa que também possui elementos que a constituem e que se fazem indispensáveis a sua análise para que um diálogo transformador aconteça.

Buscando estes elementos que constituem a palavra, percebe-se que a mesma possui duas dimensões, a ação e a reflexão, que apesar de estarem intimamente ligadas, ao mesmo momento podem ser subjugadas uma pela outra. Uma palavra transformadora deve-se constituir da utilização da ação e da reflexão, e quando se utiliza somente alguns destes elementos a palavra se transforma em palavra inautêntica e se transforma em mais um elemento alienador e alienante.

Segundo, Freire:

[...] Assim é que, esgotada a palavra de sua dimensão de ação, sacrificada, automaticamente, a reflexão também, se transforma em palavreria, verbalismo, blábláblá. Por tudo isto, alienada e alienante. É uma palavra oca, da qual não se pode esperar a denúncia do mundo, pois que não há denúncia verdadeira sem compromisso de transformação, nem este sem ação. (1987, p. 78)

A palavra é um direito dos homens, o homem existe para pronunciar o mundo, e pronunciar o mundo traz ao homem elementos para modificá-lo cada vez que se problematiza o mundo, o retorno é um novo problematizar.

Este encontro de palavras é o diálogo onde o mesmo não acontece sozinho, mas sim quando a um encontro entre os homens onde o objeto do diálogo é a pronúncia do mundo.

A palavra como ponto indispensável do diálogo e também como direito dos homens, não pode ser utilizada em forma de método indiscutível e imutável ela deve estar sempre se transformando, contribuindo assim com que um diálogo transformador aconteça.

Um diálogo transformador não acontece, entre homens que lutam pela transformação e homens que não a querem, o homem que lutam por este diálogo transformador deve retomar o direito de dizer a palavra transformadora.

O mesmo não pode ser uma ferramenta para que os homens que se sintam portadores da palavra tenham a tarefa de depositar idéias e palavras no interior dos que não são portadores da mesma. Pelo contrário o diálogo deve ser um ato de criação e recriação e este ato se dá através da problematização sendo que a mesma instigará sempre um novo problematizar e um novo pronunciar.

Por fim, o diálogo não deve ser mais uma ferramenta de um sujeito para conquistar o outro, mas sim um encontro dos homens que necessitam pronunciar o mundo, para se tornarem sujeitos do mundo.

Para Freire, (1987):

Sendo o fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo. Daí que seja essencialmente tarefa de sujeitos e que não possa verificar-se na relação de dominação. Nesta o que há é a patologia de amor: sadismo em quem domina; masoquismo nos dominados. Amor não. Porque é um ato de coragem, nunca de medo, o amor é compromisso com os homens.(p.80)

Portanto este amor deve sempre ser à base do educador, amor nos homens, amor na vida, amor no acreditar na transformação, amor este que irá mover e permear a transformação. Amor que deve ser comparado com fé, confiança, transformação, diálogo e mudança. Amor que deve acreditar incansavelmente na verdade e na pronúncia do mundo, pois o diálogo é um ato de criação e de conquista.

Conquista esta que não deve ser de um sujeito a outro, mas sim conquista mútua, conquista do mundo para que a libertação aconteça.

A libertação e a conquista do mundo que se dá através do diálogo nunca deve perder a humildade, os sujeitos que dialogam devem estar sempre infundidos na humildade, pois a ela proporciona que os sujeitos construam o mundo e o transformem. Como podemos ter a noção de receber e aceitar idéias, construir diálogos, se sentimos que nossa verdade é a única existente e que a própria arrogância é a verdade do mundo. Como podemos dialogar se não enxergamos nunca em nós os erros e sempre apontamos os outros como errados. São por estes motivos que o diálogo permeado pela humildade se torna uma ferramenta

imprescindível na construção de um diálogo problematizador e como consequência transformador.

Como relata Freire (1987, p.81):

A auto-suficiência é incompatível com o diálogo. Os homens que não tem humildade ou se perdem não podem aproximar-se do povo. Não podem ser seus companheiros de pronuncia do mundo. Se alguém não é capaz de sentir-se e saber-se tão homem quanto os outros, é que lhe falta ainda muito o que caminhar, para chegar ao lugar de encontro com eles. Neste lugar de encontro, não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens que, em comunhão, buscam saber mais.

Outro ponto importante que merece ser frisado para que um diálogo transformador aconteça é no acreditar na mudança os homens devem ter neles e nos outros, os sujeitos devem acreditar em sua capacidade de fazer, refazer, criar e recriar. Quando construímos um diálogo baseado na humildade, na fé nos homens o mesmo é construído em uma base de confiança entre os sujeitos.

Esta confiança traz para juntos dos sujeitos cada vez mais participantes na pronuncia do mundo, por fim o dialogo não acontece se o sujeito não tiver um pensar verdadeiro, pensar critico. Os sujeitos devem perceber sua realidade e pensá-la como algo que está em constante mudança.

Dialogar exige do educando uma capacidade de pensar criativamente, porém este pensar criativo deve ser superado, ou seja, o educando deve desenvolver um pensar crítico e uma criatividade crítica onde a mesma será desenvolvida problematizando o pensar criativo embasado no senso comum superando-o, e o refletir sobre a prática possibilitará a ele o superar-se da criatividade comum à criatividade critica.

Quanto mais o educando se percebe sujeito totalmente participante de sua prática e se assume como tal, mais ele desenvolve e se supera do pensar do senso comum, ao pensar critico. Juntamente com o pensar critico o educando deve ter consciência de sua inconclusão, pois será através dela que poderemos produzir conhecimento.

Freire (1996), sobre a inconclusão argumenta que, o sujeito quando percebe que é um ser inconcluso ele se insere em um permanente processo de busca social, e que será através dela que ultrapassara os limites peculiares do senso comum e estarão produzindo conhecimento.

Por fim, analisamos de acordo com Freire, que quanto mais os alunos estão sendo instigados a problematizar, mais curiosos eles se tornarão e mais críticos serão podendo assim constatar a realidade e transformá-la.

Ainda sobre a didática comunicativa vale salientar que ela faz parte da construção desta identidade crítica dos educando, pois será com ela e através dela que poderemos nos tornar sujeitos esclarecidos sobre a prática e os conceitos da mesma.

Uma didática comunicativa deverá permear os caminhos da desconstrução do que já está em vigor para uma reconstrução do mesmo, promovendo assim a reflexão sobre a realidade e sobre os modelos excludentes e inatingíveis de determinados aspectos da sociedade e das práticas sociais. A partir do momento em que os alunos se percebem como sujeitos participantes da prática de ensino ele poderá perceber as intenções pedagógicas que estarão implícitas dentro desta prática

3.2 EDUCAÇÃO BANCÁRIA: CONSTRUINDO UMA EDUCAÇÃO LIBERTADORA

Neste momento inicio uma análise de como se dá o diálogo na prática educativa. Inevitavelmente surgem questionamentos sobre o que dialogar, quais conteúdos devemos propor para que possamos instigar os educandos e também quais conteúdos serão relevantes em sua prática social embasada em uma pedagogia crítica e transformadora.

Freire (1987), nos explica que os conteúdos que devem ser repassados aos educandos devem pertencer a sua vida social e também devem conter suas especificidades e relevância individuais e coletivas do meio de vida do mesmo. Sendo assim os conteúdos devem proporcionar aos educandos formas de entender a sociedade e as relações homem-mundo.

O autor nos apresenta como contexto atual na construção do conhecimento uma prática que ele denomina como educação bancária, que traz como principal fundamento o educador ser um mero “depositador” das idéias e do educando um “recedor”, ou seja” o educador repassa o conhecimento para o educando sem que este possa questioná-lo, problematizá-lo ou transformá-lo. O conhecimento é tratado como algo imutável e absoluto, esta educação bancária

então não possibilitará ao educando nenhum tipo de conhecimento que lhe traga fundamentos para que ele se emancipe e transforme a sociedade em que vive, já que ela não traz em seus pressupostos nenhum tipo de construção coletiva do conhecimento e muito menos a reflexão a sua prática.

Freire (1987, p. 80) sobre o saber na visão “bancária” da educação:

O “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão- a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual se encontra sempre no outro.

Ou seja, para Freire (1987) o educador bancário alienado pela sua ignorância vê no seu saber um saber que será responsável por encher o educando de conteúdos, baseados em uma realidade estática e fragmentada, conteúdos estes que são retirados de uma pequena parte da realidade concreta.

Os “educadores” que para Freire(1987), na educação bancária são chamados de “depositadores” utilizam em suas narrações palavras ocas, sem significado que tem com maior importância fazer com que os depositados memorizem, o educador ao invés de comunicar-se com os educando faz com que eles se tornem “comunicados” que simplesmente fadados a está condição somente recebam, memorizem e repitam estas narrações recheadas de palavras ocas e sem sentido.

Nesta concepção bancária a relação, educador- educando , é de mera domesticação pois, o educador é o que sabe e o educando é o que não sabe, o educador é o que pensa; os educandos os pensados. Ou seja mal sabem os educadores bancários que quanto mais estiverem reforçando esta prática, mais estarão negando ao homem a práxis, a ação reflexão, pois sem ela o homem nada poderá ser.

Quanto mais os educandos tendem a viver na passividade mais eles serão meros reprodutores, e ao invés de transformar como esclarece Freire (2011), simplesmente adaptar-se-ão ao mundo e a realidade. A visão bancária anula o poder de exercer a criatividade e até mesmo de desenvolvê-la, ela satisfaz o interesse dos opressores ela estimula os ideais daqueles que não querem transformação e que enchem os oprimidos de falsa generosidade.

Freire (1987, p.83) analisa que para os opressores o fundamental não é o desnudamento do mundo, a sua transformação, o seu “humanitarismo” está em preservar a situação de que são beneficiários e que possibilita a manutenção de sua falsa generosidade.

Portanto, o educando em sua constante busca de humanizar-se, ou seja, se tornar humano como sujeito capaz de entender e transformar sua realidade, em um momento ou outro acaba percebendo a contradição da educação bancária e inicia sua busca pela libertação.

Porém, para o autor um educador revolucionário, não pode esperar que o educando perceba esta contradição, mas sim sua ação identificada com a do educando, deve ser orientada na humanização de ambos.

O educador ao perceber-se dentro da concepção bancária como um instrumento reforçador da mesma, e se identificando este papel, já não estaria mais a serviço da desumanização e sim estaria a serviço da libertação.

A educação bancária demonstra uma diferença entre o homem e o mundo, como se ambos não fossem pertencentes um ao outro, os homens para esta concepção não meros espectadores e não sujeitos participantes do mundo, e como conseqüência, sua consciência também como parte mecânica que será preenchida.

Freire (1987, p.87):

[...] Concebe a consciência como algo especializado neles e não aos homens como “corpos conscientes”. A consciência como se fosse alguma seção “dentro” dos homens, mecanicistamente compartimentada, passivamente aberta ao mundo que irá “enchendo” de realidade. Uma consciência continente a receber permanentemente os depósitos que o mundo lhe faz, e que se vão transformando em seus conteúdos. Como se os homens fossem uma presa do mundo e este, um eterno caçador daqueles, que tivesse por distração “enche-los” de pedaços seus.

O conceito de consciência para concepção bancária é demonstrado como se a mesma fosse algo que já estivesse disponível em nossa frente, como no exemplo de Freire (1987), uma xícara de café, um livro em cima da mesa

Então, embasado neste conceito de consciência não cabe ao educador outra tarefa, a de preencher os educandos com este conhecimento e consciências pronta, para contribuir com sua domesticação e sua adaptação ao mundo.

O mesmo argumenta que de nada vale para os opressores um educando questionador do mundo, pois através do questionamento ele irá perceber-se como

instrumento de opressão e vítima da mesma, o educador bancário tem a idéia de que precisamos sumir para aparecer, ou como transcreve Freire (1987, p.89) “[...] morrer para viver, o educador bancário não pode entender que permanecer é buscar ser, com os outros. É conviver, simpatizar.”

Ele então nos traz que ao contrário da educação bancária, a educação problematizadora que tem como intencionalidade buscar a essência do ser através da consciência.

Quanto á educação problematizadora Kunz (1991), transcreve que o aluno para agir de forma autônoma é necessário que o mesmo seja aceito como sujeito, com diferentes intenções e interesses na prática de movimentos e jogos.

Continuando, o autor aborda a idéia de que uma concepção baseada na problematização e solução de problemas, tem como significado para a educação física, que no ato pedagógico a elaboração dos problemas devem ter sentidos e significados comuns a todos os participantes.

Ou seja, Kunz(1991,p.192) [...] que a relação dos sujeitos participantes nos movimentos e jogos deve basear-se no respectivo significado político e sócio-cultural que as possíveis soluções encontradas possam representar para cada contexto social.

Sendo assim, o autor aborda que a educação problematizadora contribui para o rompimento dos rituais rotineiros reproduzidos nas aulas de Educação Física, e será também através da problematização que o educando irá permanecer em um processo total de constante criação e descoberta, e isto é de extrema importância para sua emancipação, pois através da busca da soluções de problemas o educando entrará em um processo de agir de forma independente. Porém, ao mesmo tempo tendo que interagir e se comunicar com o restante do grupo e estará adquirindo assim saberes e experiências para seu agir autônomo e sua emancipação.

Como outro aspecto abordado por Kunz (1991), como contribuição da problematização nas aulas de Educação Física ele nos traz que a problematização também pode agir como forma interdisciplinar de educação, ou seja, através da solução de problemas os alunos poderão perceber também problemas fora da escola e resolve-los de forma crítica.

Em seguida, Kunz (2001), embasado em teorias de outros estudiosos sobre a importância da emancipação, construiu etapas de problematização para aulas de Educação Física, que são KUNZ (1991,p.193) 1. Desvelar o problema básico relacionado com o movimento; 2.Acentuar o significado individual das situações de movimento;3.Favorecer o sentir-se responsável pelas ações de movimentos;4.Aceitar diferentes soluções para as tarefas do movimento;5.Aceitar as orientações oriundas de experiências subjetivas com atividades de movimento.

Segundo o autor, a etapa número 1,consiste em transmitir intenções de movimento e não mais os movimentos padronizados, as situações de movimentos serão descobertas pelos alunos e nesta descoberta estará presente um espaço para que os alunos desenvolvam suas próprias realizações, dando continuidade, na etapa número 2, o desenvolvimento das situações de movimento devem ser derivados das experiências e perspectivas dos professores e alunos.

Exemplificando a etapa numero 3, o autor aborda que quando a problematização envolver situações de movimento, os alunos devem solucionar os problemas encontrando possibilidades a partir de suas próprias perspectivas e que a única pré condição é que o problema deve ser muito bem esclarecido. Na etapa numero 4, o autor, ao contrario das propostas de movimentos que estão pré estabelecidas e que os alunos são obrigados a solucionar os problemas que já estão prontas, nesta etapa o problema deve ser solucionado deve ser percebido as condições individuais de cada aluno, sendo aceitas diferentes formas de movimentos de acordo com o mesmo problema.

E na última etapa á número 5, Kunz (1993),p,194) “ o fator decisivo nesta fase, é o fato de que o aluno consegue apreender e compreender, situações de movimentos pro ele desenvolvidas, com base nas suas experiências individuais”. E concluindo, isto fará que os movimentos possuam sentidos e significados individuais e coletivos.

Outros autores travaram um debate sobre uma educação problematizadora com base na análise da situação atual da educação estes autores lançaram mão de propostas pedagógicas baseadas no diálogo pra tentar modificar a situação da educação vigente, Elenor Kunz pensando na Educação Física também trouxe para a disciplina algumas idéias de Schaller e Schaffer autores estes que iremos abordar a seguir.

4 PEDAGOGIA DA COMUNICAÇÃO : PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DE UMA EDUCACAO CRITICA COM BASE EM SCHALLER E SCHAFFER

4.1 ASPECTOS PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA PEDAGOGIA DA COMUNICAÇÃO SOCIAL, POR SCHALLER E SCHAFFER (1982).

Para Schaller e Schaffer (1982), a prática pedagógica e as teorias educacionais que estão em vigor não atendem as expectativas verificadas comunicativamente, que a nossa sociedade formula a respeito de sua vida social e também de sua educação. Segundo os autores ninguém mais se deixa educar, espera-se do professor a simples comunicação dos fatos e aniquila o direito deles de emitir qualquer hipótese de interpretação capaz de transmitir além do saber, qualquer tipo de comportamento ou atitude.

E em se tratando de melhoramento do educando, a educação só deveria preocupar-se na melhoria do mesmo se esta estivesse preocupada também em melhorar a sociedade, pois segundo os autores o educando só existe dentro da sociedade. Quando se percebe a sociedade com um caráter inter-humano, ainda não percebeu sua realidade.

Segundo Schaller e Schaffer (1982,p.89) “há uma suspeita que a educação seria uma medida dirigida contra a vontade do homem, que deveria ser livre, de que ela significaria a manipulação das consciências”.

Então se utiliza a educação segundo os autores como ferramenta para domar a nova geração e fazer com que ela seja moldada de acordo com a sociedade vigente, e impõe que os educadores sejam os representantes desta sociedade e que tenham o papel de moldar os jovens onde os mesmos são obrigados a respeitarem os educadores como tal, resumindo, a educação se torna servente da sociedade e prestadora de serviços da mesma.

De acordo com Schaller e Schaffer (1982) a educação tem o dever de moldar os jovens para encaixá-la na sociedade produtora, como “produtor de

cultura”, estes fatores tem como consequência o impedimento da renovação das idéias dos membros da sociedade.

Para este tipo de educação é chamado pelos autores de educação autoritária, pois Schaller e Schaffer (1982,p.90), “[...]é comprometida com as normas de assuntos obrigatórios que se tornam autoridade e, com isso, comprometida com as autoridades pessoais que a representam. E é chamada de autoritária pois usa autoridade para obter “ educação”.

Precisamos entender este fenômeno social quando queremos saber a força social crítica da educação, e também pensarmos em uma educação contrária que será denominada de educação anti-autoritária.

Na efetivação do processo pedagógico, o professor nesta educação autoritária, segundo os autores se encaixa na ambição da sociedade pós capitalista de manipular.

Este tipo de educação tem como sinais externos além do caráter autoritário, uma prática que oferece aos jovens em algumas vezes castigos drásticos ou recompensas, práticas estas que andam lado a lado com seu estilo autoritário.

Schaller e Schaffer (1982, p.90) “hoje em dia, o problema para criar condições na escola, que poderiam servir de modelo para uma democratização da sociedade, são reduzidos pelos pedagogos para uma modificação apenas no estilo do ensino do professor”. Modelos estes que limitam a prática e as maneiras de educar construindo um relaxamento na estrutura social e pedagógica com intuito de uma “relação pedagógica” abreviada e linear da relação professor aluno.

A crítica dos autores sobre a maneira de ensinar na educação autoritária é a de que ela se encaixa na ambição da sociedade capitalista de manipular.

Os autores trazem a idéia de que a educação tenta salvar-se dessa idéia de manipulação, porém isto não é possível, porque apesar de ser uma instituição de EDUCAÇÃO, que capacita os jovens, a educação autoritária limita-se unicamente a transmitir conhecimentos que aumentam a eficiência dos indivíduos em favor da sociedade vigente, sendo assim a escola torna-se um agente manipulador da juventude em favor da estrutura existente de poder, mesmo esta estrutura estando totalmente ligada a uma forma de manipulação e autoritarismo.

Para ficar claro os autores trazem um exemplo de uma “escola universal articulada”, ela traz que o direito a cultura de cada individuo possui, segue o principio

do aproveitamento, ou seja, este direito será dado se o sujeito assim o “merecer” Schaller e Schaffer (1982,p.91)

[...] “Com esse principio de aproveitamento – tão polemicamente controvertido- anteposto – ao ensinar e ao aprender, pretende-se que o ensino e a educação não tratam, de modo preponderante e exclusivo, de algo como o reconhecimento da verdade ou da possibilidade de uma modalidade subjetiva, do desenvolvimento da personalidade, ou de outros caprichos parecidos de um “ pedagogismo” autônomo e cego à realidade, mas tratam simplesmente de que a realidade da formação econômica e política não seja posta de lado por motivos sentimentais ou hipertrofia filosófica e moral”.

A educação autoritária também elabora a idéia de que a “dignidade” do homem é medida pela sua eficiência se o mesmo cumpre as funções que lhe são impostas, o sujeito deverá negar suas individualidades reflexivas, como os autores dizem deixar-se a si mesmo, para o aproveitamento das capacidades.

O princípio do aproveitamento citado pelos autores neste tipo de educação contribui com aumento e a perpetuidade das diferenças sociais.

Sobre este conceito desta “motivação para a eficiência”,Schaller e Schaffer (1982, p. 92) transcrevem que esta, “surge em conseqüência de uma “sociedade produtiva”, e que, na escola, deveria incentivar o estudo e, mais tarde, a atividade profissional,” leva o individuo a uma motivação imprópria”. Fazendo assim que os indivíduos percam seu humanismo, ou seja, suas especificidades.

Analisando a educação autoritária e analisando esta educação em uma perspectiva emancipatória, Schaller e Schaffer (1982,p.92)trazem que:

[...]se olharmos a educação conforma praticada pela educação, ao engano fatal de esperar que reforma social seja realizada pelas virtudes formais do sujeito – virtudes como a“criatividade” e “racionalidade critica” – e não se considera que estas são propriedades do sujeito e tampouco dons que se podem desenvolver com capacidades, e mesmo que o fossem, não se poderia esperar delas uma intervenção na realidade e na modificação desta, porque seriam dons abstratos do sujeito.

Racionalidade e criatividade para os autores, são momentos do processo comunicativo, e o seu resultado depende do tipo de informações que se recebe sobre o conhecer e o saber, e é necessário que o conhecimento e a eficiência produtiva não se pervertam.

Continuando o debate sobre a educação ser uma manipulação de consciências, Schaller e Schaffer(1982), dizem que o conhecimento pode aumentar a eficiência do indivíduo, e o saber abre novas possibilidades para o homem. Reconhecendo determinado aspecto, o indivíduo conhece e atua sobre ela.

E o saber além de capacitar o homem para sua atuação torna-o sujeito da mesma, e neste campo de atuação que foi determinado pela seu horizonte de conhecimento, ele poderá atuar e colocar por si mesmo objetivos e assim realizá-los.

Para Schaller e Schaffer (1982, p.93) :

É neste ponto que começa a “relevância social” do ensino, porque o sujeito da atuação entra, de modo inevitável, em desacordo com aqueles que querem usar a sua eficiência para as finalidades deles e, caso sejam os mais fortes, também querem a ele mesmo debaixo de suas ordens. Em consequência disso, surge dentro das estruturas sociais a tão propalada dialética do princípio da eficiência: emancipação ao preço da escravidão.

Para os autores esta emancipação ao preço da escravidão significa que se não percebermos, a relevância social dos conhecimentos, que são oferecidos aos alunos estaremos os “esclarecendo” pelos nossos próprios interesses e contribuindo para que eles não sejam sujeitos participantes de sua produção de cultura não respeitando suas especificidades e suas vontades.

Em se tratando da construção de uma educação anti-autoritária, segundo os autores, a mesma foi alavancada pela revolta dos jovens, porém, ela possui aspectos que devem ser levantados a cerca de sua relação de poder.

Analisando as estruturas que compõem a educação anti-autoritária Schaller e Schaffer (1982), percebem que existem aspectos que merecem ser discutidos.

Percebendo a necessidade de se “destruir” os ideais da educação autoritária, a construção de uma educação contrária deve estar preocupada como será a posição dos sujeitos que serão os ideais dos defensores da mesma, como por exemplo, na relação de poder, os autores trazem a idéia de que os jovens nesta busca pela liberdade não poderão chamar de educação anti autoritária uma educação onde os participantes estarão somente transferindo as estruturas de poder.

Para Schaller e Schaffer(1982), o que se busca através destes protestos, é apenas a inversão dos pólos do relacionamento educativo, e não uma rejeição da estrutura de comando existente no sentido de construir um nova dimensão pedagógica.

Para Schaller e Schaffer (1982) não se pode superar a estrutura autoritária da educação mediante a simples inversão dos pólos. O relacionamento pedagógico se debilita e se converte num conflito de interesses entre professores e alunos.

4.2 PEDAGOGIA DA COMUNICAÇÃO

Iniciando os estudos sobre a pedagogia da comunicação de Schaller e Schafer (1982) os autores trazem o conceito da pedagogia da comunicação e qual a relevância a comunicação para os homens.

Os autores argumentam que sem a comunicação não podemos encontrar nem o homem e nem a sociedade e nem suas condições de vida.

E continuam argumentando sobre o papel da comunicação na vida humana quando argumentam que:

Os dados e fatos subjetivos, como volume encefálico, sulcos cerebrais, faculdades de falar, andar erecto, certo nível de inteligência, etc., sempre estão, com certeza, no lugar em que lidamos com seres humanos. Onde porém, não estejam introduzidos num sistema comunicativo, dificilmente poderiam considerá-los constituintes da vida humana. (SCHALLER E SCHAFFER, 1982, p. 18)

Os autores trazem uma relação entre a comunicação dos animais e a dos homens, segundo eles os animais também se comunicam, porém sua comunicação é no sentido de informar, e para ditar seu estilo de vida.

Os homens também possuem este tipo de comunicação, então a comunicação segundo Schaller e Schafer(1982) é o processo que os indivíduos transmitem estímulos entre os seres vivos, para influenciar sua conduta.

Então os autores conceituam o processo de comunicação como:

Um processo de interação em que só se pode falar de participantes e mais de fonte e destinação ou de emissor e destinatário. Na interação comunicativa transmite-se não apenas o que já existia antes, mas também produz-se algo que antes não existia. (SCHALLER E SHAFER, 1982, p.18)

Continuando o debate sobre o conceito de comunicação, os autores utilizam-se as idéias de C.Cherry (Apud, SCHALLER e SCHAFFER 1982,p.19) “quando dizem que a comunicação utiliza a fala, porém será por meio dela que irá originar-se unidades sociais”.

E que além dos componentes do conteúdo da fala se enfatiza também aspecto relacional da comunicação, a relação dos indivíduos no processo de comunicação chamada pelos autores de interação.

Então a comunicação como processo de interação tratamos os sujeitos como participantes e não mais como transmissores ou destinatários, pois sendo um processo de interação comunicativa, agora não apenas transmite-se o que já existe, mas também produz-se e transforma o que ainda não existe.

Outros autores como citam Schaller e Schaffer (1982) aproximam-se deste conceito de comunicação, como Habermas, quando se fala em competência comunicativa, os autores dizem que dentro deste processo interativo, o individuo deverá receber orientações para suas atuações na vida presente e futura, porém para que isto ocorra o processo comunicativo deve acontecer de forma transformável, e este conceito aproxima-se muito com o papel da educação e os autores trazem que será ela que devera exercer este papel sobre o sujeito.

Concluindo então segundo os autores, não devemos designar a prática pedagógica e a prática social como um processo comunicativo quando esta só tiver um papel de transmissor do estado momentâneo da sociedade, mas sim, só podermos chamar de processo comunicativo segundo os autores, quando este processo estiver relacionado ao criar e transformar homens, situações entre outros.

Os autores ainda transcrevendo sobre o papel da educação no processo comunicativo citam Molenhauer (apud SCHALLER, SCHAFFER, 1982) a educação seria a criação do potencial das transformações sociais das novas gerações.

Então segundo os autores, o processo de comunicação não deve ficar somente no nível da fala, pois a palavra e o pensamento não serão o termo final da criação, pois eles irão se efetivar realmente na ação.

Quanto aos objetivos do processo comunicativo, Schaller e Schafer (1982), esclarecem que o processo comunicativo não deve ser uma ferramenta para a transmissão de conhecimento, a comunicação é um processo de interação a palavra comunicação deve ser utilizada somente no sentido de criar algo novo ou transformar homens e situações.

A pedagogia da comunicação defendida por Schaller e Schafer (1982,p.20):

[...]entende a educação e o ensino como uma atuação especificamente social, através da qual a sociedade gostaria de atender a expectativa que ela mesma deposita em si por meio do comunicado social, o que, em relação a sociedade estabelecida, significa sempre a transformação desta.

Em se tratando da ciência educadora critica tratada por Schaller e Schaffer (1982), a mesma terá que interpretar e fundamentar cada palavra, e sendo assim os homens que já se deparam com a relevância destas palavras transformadoras perceberam que as mesma serão um grande empecilho, pois estas palavras se revelarão como possibilidades para a construção de uma prática social nova.

Com relação as expectativas da sociedade Schaller e Schaffer(1982, p.20) elaboram o seguinte questionamento: “o que é, porém, essa “expectativa”, no processo tradicional da sociedade dirigida para si mesmo e indo além de si mesma?”, sendo assim, segundo os autores, esta expectativa não trata da realidade social, porém é progressiva sobre a mesma, e quando mais crítica uma sociedade for com ela mesma mais entendido será o sujeito formado por ela.

Em se tratando as expectativas da sociedade, os autores afirmam que as mesmas se encaminham para os próprios processos da vida social de interação social, pois será através destes que a mesma irá transcender seu próprio estado, e este processo deve ser livre, pois de outra forma, não se conseguirá desenvolver a criatividade.

Continuando o debate sobre as expectativas, os autores trazem neste momento a relação sujeito e sociedade, ou seja, quais são as expectativas que a sociedade tem sobre o sujeito em se tratando da sociedade vigente,individualista e

conservadora, eles abordam a idéia de que ao invés de o sujeito ser participante ele terá que simplesmente aceitar o que é imposto pela sociedade não se importando com as suas próprias expectativas perante a mesma, o sujeito ao invés de transforma - lá ou modificar a sociedade ele terá que como diz os autores “não sair da linha”.

Estas afirmações os autores chamam de co-afirmativas, porém em contrapartida estes ideais serão os impulsos que alavancaram e impulsionaram segundo os autores os interesses críticos emancipadores, que ao contrário, o papel do sujeito e da sociedade será o de construir a sociedade mediante a participação comunicativa.

Em suma os autores concluem que, não será o sujeito nem a sociedade que serão os detentores dos ideais e expectativas, mas sim ambos, compreendendo aceitando e se relacionando para perceber-se e interiorizar-se como atuantes.

Sobre a transformação social, Schaller e Schaffer (1982), transcrevem que estas transformações quando são baseadas nos interesses do poder, nunca tem como consequência pedagógica uma escola democrática, mas uma educação de grupos e classes. Os autores falam que se estes grupos tem ideais progressistas eles terão que renunciar a todos os interesses da sociedade dominante.

E sobre o papel da escola nesta transformação dos ideais dos grupos, Schaller e Schaffer ressaltam que (1982, p.22):

Não estamos com isso exigindo que tais grupos abandonem suas posições, mas o progressismo deles exige que façam valer seu “ponto de vista de classe” com argumentos fundamentados numa discussão que trate de todas as contradições reais de todos os grupos da sociedade, e é justamente a escola que deveria realizar, antecipadamente, como precursora, essa ainda não realizada expectativa da sociedade.

Os autores elaboram a idéia de que os interesses dos grupos não podem ser o de distribuir privilégios perante a sociedade, pois com isto, os grupos que estão sendo privilegiados neste momento construiram uma dependência sobre o novo poderio, e perderam o próprio progresso.

Resumindo, os que estão sub-privilegiados se tornariam privilegiados e vice-versa a situação dominante não se resolveria só se inverteria.

Para os autores, analisando esta situação o domínio seria reivindicado por mais pessoas, porém esta modificação em dados qualitativos seria insuficiente,

pois os novos dominantes poderiam esperar dentro de seus novos grupo nas lutas de classe.

Outra expectativa de uma sociedade progressista, Schaller e Schaffer (1982), é transformar a sociedade e fazer com que se torne possível uma interação racional, e também fazer com que os sujeitos que não são participantes da comunicação social se tornem comunicados sociais.

Em relação às expectativas sociais os autores argumentam que o comunicado social elabora seus interesses a partir de sua realidade social e esta realidade social é determinada pelos interesses de partidos e de grupos e suas lutas pelo poder.

Uma sociedade certamente regularizará tudo quanto for possível pela compensação de interesses; mas, se aceitar, uma vez, sua necessidade de reforma, não poderá limitar-se a isso, o que significa que irá menosprezar os interesses dos seus membros. SCHALLER E SCHAFFER (1982,p.24)

Os interesses no processo de comunicação também tem sua importância, mas o que fundamentou estes interesses também são reconhecidos como tais e tornam-se visíveis, e são fundamentais e indispensáveis segundo os autores, para o entendimento racional das idéias.

4.4 AS RELAÇÕES PEDAGÓGICAS NA PEDAGOGIA DA COMUNICAÇÃO DE SCHALLER E SCHAFFER (1982): REFLEXÕES INICIAIS

Os autores trazem a relação entre a “transmissão de conhecimento” de uma pedagogia tradicional e de uma pedagogia crítica, analisam que quando a escola pretende formar o homem para a aceitação dos papéis, de fazer com que eles sejam portadores de funções ou de fazer que ele se torne um seguidor de determinada filosofia, limita-se a um conhecimento e habilidade mínima para estas funções parciais .

Mas, pelo contrário, quem pretende formar homens, que consigam avaliar por si mesmo determinada situação, homens que consigam saber o que há de se fazer nas situações, precisa um amplo leque de conhecimento e habilidades para

assim fazê-lo e poderá esperar que este individuo forneça muito mais que estas funções parciais.

Esta democracia na educação, segundo Schaller e Schaffer(1982), que colabora com a autonomia do educando em palavra, pensamento e ação. Só será possível se a escola transmitir as informações necessárias e além disso deve-se aceitar novas possibilidades e até informações “incomodas”, pois será a partir desse tipo de informação que o jovem poderá percorrer um novo caminho e poderá averiguar criticamente as mais variadas situações.

Em uma pedagogia da comunicação, Schaller e Schaffer (1982), o conhecimento recebe da prática comunicativa do grupo sua motivação e obtém também, dentro da prática progressiva, sua finalidade: partir da unidade de teoria e prática.

Schaller e Schaffer (1982), dizem que o conhecimento da pedagogia da comunicação parte da prática da comunicação, ele recebe da prática comunicativa motivação e obtém sua finalidade na prática progressiva.

A teoria na pedagogia da comunicação para os autores partem do conhecimento tradicional e são “retratadas” pelas possibilidades que são elaboradas comunicativamente, e são chamadas pelos autores de estratégias de atuação. Porém estas estratégias podem se tornar instrumentos de dominação quando se baseiam em interesses de dominação.

Na pedagogia da comunicação, para os autores, devemos nos basear no “retratamento” comunicativo do conhecimento que é realizado nas interações dos grupos e parte para outros campos de atividades sociais.

Para Shaller e Schaffer (1982, p.123):

Ao lado da série das matérias, que segue uma seqüência teórica consciente que visa à compreensão (abertura objetiva e de si mesmo), deve colocar-se uma segunda que está atenta à atuação, conseqüência da transcendência dos grupos das classes, o correspondente procedimento social.

Os autores trazem a idéia de que a escola deveria elaborar seus conhecimentos de acordo com a situação comunicativa dos grupos. As informações que são transmitidas por jornais e televisão devem ser analisados, e transmitidos para que possam ser acessíveis a uma critica racional, porém para que isto aconteça devemos elaborar processos comunicativos de grupos que possam romper

com o que está imposto e apontar a partir da posição dos grupos sua opinião sobre os temas e que serão transmitidas pelos comunicantes que irão ganhar orientação para sua atuação.

5 ELEMENTOS DE UMA DIDÁTICA COMUNICATIVA PARA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.

Algumas práticas pedagógicas nas aulas de educação física que são percebidas atualmente não propiciam ao educando uma capacidade de agir com autonomia em seu ambiente escolar e conseqüente em seu mundo de vida.

Esta prática pedagógica observada possui um caráter funcionalista que é apoiado por discursos da mídia e outras entidades que estariam preocupadas em manter o “status quo”, esta manutenção do status quo traz para as aulas de educação física escolar vários prismas, e alguns deles são a prática pedagógica com um caráter higienista e outro para desenvolver as habilidades psicomotoras e treinar destrezas técnicas, outro caráter que se faz muito presente nas aulas de educação física é um caráter de improvisação, ou seja, largar a bola para os alunos.

O resultado destas práticas de ensino é a falta de criatividade dos alunos, de autonomia e são mais um fator que fortalecem o atual sistema vigente.

Para Boscatto (2008, p.103) “em toda prática pedagógica, voltada aos interesses de uma sociedade que se diz democrática, é pressuposto básico possibilitar práticas de ensino voltadas para a efetivação do processo de emancipação humana”.

A finalidade do processo educativo nas aulas de Educação Física para permear os aspectos e objetivos da emancipação humana e de ampliar as experiências de movimento dos sujeitos, deve-se tornar claro o sentido/significado do movimento que se da através dos conteúdos de ensino.

Uma situação de ensino envolve uma relação entre dois sujeitos e relação desenvolve-se pela produção de conhecimento, e ela pode ser uma permeada por uma posição conservadora ou por uma posição comunicativa e cabe ao docente decidir com a posição deve seguir, de acordo com a visão social do mundo que possui.

Em uma concepção dialógica de ensino, o objeto do conhecimento não é de domínio somente de um sujeito de ensino, o conhecimento é construído a partir de uma posição comunicativa e se constituem de aspectos de ambos os sujeitos,

formando as identidades e rompendo com os processos impostos ao longo da civilização.

Boscatto (2008,p.105) esclarecem que:

[...] as intervenções ou interlocuções, nos processo educativos, envolvem, concomitantemente interações sociais, nas quais, uma importante estrutura mediadora está presente a linguagem. Em praticas da educação física escolar, a linguagem apresenta-se basicamente de duas formas: a linguagem verbal e a linguagem gestual, sendo a última mais preponderante.

Para o autor, a didática comunicativa possui duas perspectivas epistemológicas distintas: o agir comunicativo/ação comunicativa e a concepção dialógica do movimento. A ação comunicativa permite a reflexão, o diálogo intersubjetivo e a linguagem verbal. Com essa ação comunicativa o educando através da reflexão crítica tem a possibilidade de reconstruir novos entendimentos nas estruturas que compõem a sociedade. As intencionalidades da ação comunicativa não se encontram somente na orientação do professor, mas há uma problematização dos conteúdos de ensino, com a intenção de atender aos anseios do educando, a linguagem verbal se torna a mais importante neste agir comunicativo, pois ela desencadeia pensamentos críticos e reflexivos que se dão através da linguagem, construindo sentidos/significados aos conteúdos, proporcionando ao educando um agir consciente e esclarecido nas situações de seu contexto sociocultural.

Para Boscatto, (2008, p. 107)

Torna-se, pois, importante em práticas de ensino da Educação Física, o desenvolvimento do diálogo e da argumentação intersubjetiva sobre os saberes em discussão, pois, assim, os sujeitos podem tornar-se conscientes dos elementos práticos, teóricos e sociais apresentados nas ações educativas.

Nas aulas de Educação Física uma prática que favorece a conscientização crítica dos elementos socioeconômicos e culturais deve acontecer pela relação entre os sujeitos, e no contexto da Educação Física escolar isto significa modificar a prática voltada ao desenvolvimento físico ou motor e para o desenvolvimento esportivo. As aulas de Educação Física devem relacionar os conteúdos específicos da área com o contexto sócio-cultural dos sujeitos.

6 CONCLUSÃO

Iniciamos a conclusão fazendo as considerações sobre o inicial problema desta pesquisa e as reflexões finais após análise pertinentes sobre este tema. Concluimos através deste estudo que a categoria linguagem na concepção crítico emancipatória deve ser tratada pelos educadores não mais como uma categoria que possui métodos pré-determinados quanto a sua aplicação e muito menos, tempo ou momentos para que ela seja aplicada nas aulas de educação física e sim que ela acontece através da mediação que o educador exerce no decorrer da execução de suas aulas. O educador deve saber seu papel de sujeito que tem o “poder” do esclarecimento, porém não deve utilizar-se desse “poder” criando frustrações e sendo autoritário aos alunos.

Salientamos a importância dos estudos de Paulo Freire e Schaller e Schaffer que são autores centrais para compreender os princípios teóricos metodológicos da categoria linguagem na concepção crítico emancipatória. Concluimos que em se tratando de uma educação transformadora por meio de uma didática comunicativa os autores se aproximam muito em suas idéias, os mesmos tratam em seus estudos da importância de uma atuação pedagógica voltada para a utilização da comunicação e da linguagem, comunicação esta que pelas idéias dos autores é uma relação de interação, dialogicidade, mediação e de construção.

Foi de grande valia analisar as idéias dos autores quando refletem também sobre os modelos de práticas pedagógicas e de educação que estão sendo realizadas, tanto na “educação bancária” de Paulo Freire tanto quanto na “educação autoritária” de Schaller e Schaffer, suas percepções se assemelham muito quando pensamos em uma educação alienadora e alienante.

Ressaltamos que as relações construídas através do diálogo, segundo os autores, é importante lembrar que apesar de haver o diálogo, ele só se torna comunicação (interação) quando os sujeitos deste diálogo estão buscando os mesmos ideais de mudanças, pois quando o diálogo acontece sem a interação, a compreensão, não irá haver a pronúncia do mundo. Um diálogo não poderá ser chamado de comunicação, quando os sujeitos estão somente “verbalizando” e reproduzindo.

O educador como “responsável” em proporcionar ao educando situações que contribuam para que o mesmo se torne um sujeito emancipado, crítico e atuante na sociedade, deve compreender qual é a importância de ser emancipado em uma sociedade autoritária e excludente como a que está em vigor atualmente. E em se tratando da disciplina de Educação Física, o professor deve tratar seus conteúdos com o objetivo da construção coletiva, transcendência de limites e de transformação.

Concluimos que uma educação crítica deve desenvolver nos alunos condições para que ele consiga romper com as estruturas autoritárias da sociedade, identificando a “comunicação distorcida” imposta pela mesma, que tem como objetivo a emancipação do indivíduo para uma realidade que não é a dele.

De acordo com os estudos realizados, concluimos que os conteúdos devem partir do mundo do educando e o educado deve promover meios para que o mesmo o transforme e o retrate por meio das interações construídas no decorrer de sua práxis pedagógica.

E remetendo isto para o ensino da cultura corporal de movimento, concluimos que o aluno irá desenvolver um agir racional quando conseguir transcender o agir funcional, por isso a importância da aprendizagem das técnicas em se tratando de esporte, pois quando o educando percebe as especificidades do esporte, ele poderá transformá-lo criticamente.

A didática comunicativa utilizando a linguagem e a comunicação como fundamento, deve ser uma forma de interação dos indivíduos. Percebemos a importância que o educador tem quando acredita em uma educação transformadora, pois no momento da realização da prática pedagógica diária ele será um fator indiscutivelmente importante para construir ideais transformadores no desenvolvimento do educando.

Finalizando este estudo sobre as relações comunicativas construídas em aulas de Educação Física, concluimos que sendo a comunicação uma relação de interação entre os sujeitos devemos perceber entender quais são os papéis que estes sujeitos realizam durante a efetivação do processo pedagógico, conhecimento, educador e educando devem construir uma relação de interação, e os ideais progressistas dos mesmos devem ser explicitados.

Por fim, analisamos que não podemos nos ater somente à este estudo teórico, acreditamos que precisaríamos de mais tempo para nos aprofundar já que este tema possui muitos pontos que merecem também serem estudados, porém concluímos que ele foi de grande valia para meus entendimentos sobre a atuação pedagógica de uma educação emancipadora e a sua importância acerca da linguagem em aulas de educação física.

REFERÊNCIAS

BERVIAN , Pedro Alcino; CERVO, Amado Luiz. A Pesquisa noções gerais. In:_____. **Metodologia Científica**. São Paulo: Makron Books, 1996.p.48.

BOSCATO, J. *Por uma didática comunicativa para a educação física escolar*.2008.108 f . (Mestrado em educação física) Dissertação. Centro de Desportos. Universidade Federal de Santa Catarina . Florianópolis. 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011. 184 p.

_____**Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. P. 146.

KANT, Immanuel. “Resposta à pergunta: o que é iluminismo?” In:_____. **A paz perpétua e outros opúsculos**. Lisboa: Edições 70, s/d.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático pedagógico do esporte**. Ijuí, RS: UNIJUÍ, 1994. 152 p. 1.ed

_____**Educação Física e Mudanças**. Ijuí,RS : UNIJUÍ. 2001. 208 p. 2.ed

_____**Esclarecimento e Emancipação**. **Revista Movimento**,Rio de Janeiro,N 5, (P.35-39), 1999.

PIRES,Giovani De Lorenzi. **Educação Física e o discurso midiático**. 1.Ijuí: Unijuí, 2002.

SCHAFER, Karl Hermann; SCHALLER,Klaus.**Ciência Educadora Crítica e Didática Comunicativa**.Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro,1982.p.272.

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - NBR 10520 . Disponível em <http://www.unesc.net/portal/capa/index/122/> Acesso 22 de Junho. 2012

